

## Poemas entre a noite e o dia

### Poema decorado

Isto passou-se assim:

Eu presa em mais uma insónia noite  
e tu, ao meu lado, cansado  
dormias.

Eu escuro adentro adensava-me  
em frases que construía  
e, para não te acordar,  
palavra a palavra, as decorava,  
para as resgatar à luz do dia.

Mais uma insónia noite escusada  
que, como eu, se perdia.

Era, com certeza,  
a mais pura poesia.

E para não te acordar  
esqueci-a.

Por isso sei que não sou artista.

Porque esses levantam-se  
ruidosamente na noite,  
sabendo que o mundo  
não pode viver sem eles.

Já eu só sei  
que não posso viver sem ti.

## **A mulher invisível**

O problema da mulher invisível  
é saber que só a sua falta vai ser sentida.

Vive sem se esconder,  
mas nunca é vista.  
Não quer ser vista.  
Diz que não quer.  
Mas incomoda-a que,  
não se escondendo,  
não a vejam.

Trabalha e tece as suas linhas,  
sabendo-as importantes.  
Diz para si que são importantes.  
E são.  
Mas incomoda-a ter que o dizer  
a si mesma.

Pensa então que se parar  
não haverá catástrofe.  
As pessoas andarão instáveis,  
com a visão desfocada,  
desconcentradas.  
Irão ao médico,  
culparão o tempo,  
mas não perceberão a sua falta.

Não.  
O problema da mulher invisível  
é que, não querendo,  
não conseguindo com convicção  
atribuir-se de tamanha importância  
na vida dos outros,  
não consegue deixar de o fazer.

Ela trabalha e tece as suas linhas como missão.

Carregará o mais pesado  
dos fardos, porque sabe que,  
mesmo que se tente convencer que não,  
se parar haverá o grande dilúvio.  
O mundo ruirá, talvez juntamente  
com o seu peso.  
E assim é de facto.  
Assim, de facto, se sente a sua falta.

Como um rastilho as pessoas conseguem  
rever todos os seus dias,  
cada um deles,  
até ao que ainda há instantes era presente,  
até à sua imagem -  
que é agora permanente.  
Que era, dão-se conta, sempre permanente.  
E é agora como uma luz  
que persiste nos nossos olhos fechados.  
Tão visível se tornou.

E claro, quando finalmente procuram a mulher  
ela é definitivamente invisível porque já lá não está.

A mulher invisível sabe que tudo isto se passará assim.  
Tal e qual.  
E que quando a procurarem  
já ela não concebe ser vista  
por tais pessoas.  
Não quer, não interessa,  
a sua missão já desabou  
e o seu peso desapareceu.  
Não lhe trará nenhum sabor  
o tardio reconhecimento.

Resta-lhe então mudar de caminho  
e continuar seguindo, trabalhando,  
tecendo as suas linhas, sem parar,  
mudando de página

mas sem parar de facto,  
obstinadamente,  
para que não deixe nunca de ver as linhas  
com que faz o seu caminho.  
Para que não se esqueça nunca  
de se ver e de saber quem é.

### **O teu Alentejo**

O Alentejo tem cor branca de trovoadas,  
que se disfarça de luz caiada,  
nuvens rastejam como sombras,  
tudo conspira para parecer  
que é terra abençoada.

Te embrenha sorrateira,  
terra desconfiada,  
mostra-te a melhor camisa,  
soalheira,  
bordada de cânticos de pássaros,  
de sinos perpétuos enfeitada.

Ali julgas já teu,  
o teu Alentejo.  
Viúva negra tece já a teia,  
em que mergulhas  
hipnotizado,  
E o teu sangue,  
é ela que o bombeia no seu  
compasso desacelerado,  
pelo teu corpo já semeia  
destino tatuado.

Serás sempre dele,  
do teu Alentejo,

ainda que nele  
não permaneças.  
O ritmo do teu sangue  
é ainda ele que o dita,  
terra bendita,  
que nunca a esqueças.

### **O meu Alentejo**

Fui ao Alentejo  
e quando lá cheguei ressentia-me  
e os meus olhos tanta luz.  
E a meio de um dia de tempestade,  
lá havia sol. Claro.  
Sentei-me num muro,  
sentia a nuca a aquecer rapidamente,  
suavemente,  
e os pássaros e os sinos,  
"olá boa tarde".  
E numa golfada de ar cabia tanto Tempo.  
Trouxe um bocadinho a mais para casa.

### **Évora**

Muitas vezes me pergunto  
porque me senti tão viva em ti,  
tu, cujo branco  
é paisagem que não termina,  
é cemitério alastrado  
para além dos teus ciprestes-muralhas.  
Calcorreio mentalmente  
as passadas que dei pela noite:  
meus sapatos batendo o compasso na calçada,  
e os sinos a ampliar o tempo.

Porque me sinto viva em ti?  
Tu, cujo branco é paisagem  
que o futuro não habita,  
e é também o sol  
a bater nos meus olhos fechados,  
como antes, agora aconchegando-me.  
Porque vives em mim,  
Évora,  
e me habitas à  
luz do sol de todos os Invernos.

## **Inverno**

A magnolia agarra-se ao chão,  
raizes poderosas.  
Uma criança agarra-se à minha mão  
com sonhos cheiro de rosa.

É inverno e a escuridão semeia-se lentamente.

O sol, subversivo, lança um rasgo de humor  
pelas brechas que a melancolia permite.  
Na relva imprimiu  
a silhueta de uma árvore -  
existe somente  
nos olhos de quem a viu.

Escondido na sombra que tudo omite,  
o instante permanece vívido.  
Nos olhos de quem a quer ver  
está a árvore  
está a criança  
e os sonhos morrem e voltam a nascer  
como tudo o que é eterno.  
Como tudo que é vivo.

## Poema ao Luva Negra

O luva negra é contrabandista.  
De cidade em cidade ele procura o proibido,  
pilha e devassa, deixa tudo vazio.  
Esta cidade aplaude, viva o contrabandista que  
nesta terra é bem visto, levou o que era proibido  
tudo agora é permitido.

A cidade vizinha onde todos viviam em  
irritante calma,  
vê chegar o luva negra, de bolsos cheios  
de proibida mercadoria.  
E se ali de proibido pouco havia,  
troca em troca, com inflações e vigarice,  
todos aplaudem o contrabandista  
Que deixa a cidade repleta da mais  
ilícita e excitante patifaria.

E as mulheres arrepiadas com o perfume  
do malfeitor  
Exibem os seus maridos aparvalhados,  
também é ilícito o seu amor.  
Mas o luva negra não desvia caminho  
não desvia o olhar.  
Aquela luva guarda o beijo da única mulher que soube amar.

E apesar do mulherio  
ele pilha e devassa  
e esconde e trespassa,  
mas por onde quer que passa,  
leva o seu coração vazio.

## No Metro

Apertado, intimamente apertado,  
o meu corpo funde-se com os outros  
em equilíbrios mútuos,  
e o hálito da manhã  
partilhando o tédio de mais um dia já velho.  
A crise é de todos mas cada um com a sua.  
Intimamente desligados uns dos outros,  
olhos vidrados,  
e tu... com o teu peito no meu peito  
e os lábios à distância de uma palavra.  
Insuflo-me de coragem:  
se pensar mais alto quase me ouves,  
não tivesses tu os *fores* nas orelhas.  
E se o meu suspiro te entrasse pela boca  
e tocasse no céu?

De assalto me encaraste. Corei.  
E desviei-me da frente,  
os olhos, claro, o resto seria impossível.  
Mas tu não.  
Desafiei-te demais, agora não posso fugir.  
Os teus olhos abrindo  
dois pontos de um discurso  
silencioso. Tenho medo e o meu corpo  
paralisado no teu.  
Respondes-me com uma vírgula pestanejada.  
Tenho medo. Fecho os olhos.  
Sincronizamos a respiração enfim  
e o teu peito no meu peito...  
- Saio aqui.  
Soltou-se um abismo da tua boca.  
Entre os corpos te fui perdendo.  
Ainda assim as nossas mãos cruzaram-se  
pelos olhos que já não se viam,  
um aperto partilhado num toque  
que deslizou entre as nossas peles.



Talvez te volte a ver num dia  
em que o medo se tenha perdido  
pelo caminho,  
disse através do vidro e a tua boca ficou  
à distância de todas as restantes palavras.

### **Sobre uma imagem de "Sol Menor", de Joaquim Pinto e Nuno Leonel**

No cimo de uma colina,  
à beirinha à beirinha,  
estava um estendal vazio,  
apenas com um pano branco pendurado a meio.

As nuvens que se faziam  
espalhavam a luz mal distribuída,  
mas aquele pano branco,  
a meio pendurado,  
para ele reclamava toda a luz daquele dia.

O vento que dali,  
da beirinha da beirinha,  
mergulhava, sem medo,  
deslizando pela colina,  
era com o pano que se envolvia  
e o sacudia, sacudia.

O meu olhar também ali se prendia  
preso com molas àquele pano,  
àquele dia  
e observava invejoso o acto de amor  
e ao prazer violento  
que aquele pano sentia.

Sou eu aquele pano.  
Um dia perco as molas.  
Um dia.

## Poema a Arquimedes

I

Antes, quando tudo era certo,  
os dedos trauteavam a métrica  
de um poema que tudo traduzia.

Respeitava a semântica  
e a sintaxe confinava cada ideia na sua categoria.

E a vida seguia bem ordenadinha.

Antes, quando tudo era certo,  
procurava o que era bonito  
e a poesia servia  
para condensar à superfície  
a flor de sal do que sentia.

Agora procuro em mim o que é carvão.

Quero sujar-me, besuntar-me, conspurcar-me,  
sentir,

quero o meu corpo mergulhado  
num fluido sem repouso.

A minha mão é uma insónia profunda  
que me rasga adentro  
e procura a flor na escuridão.

Fosse isso algo denso...

## **Poema aos meus pais**

Vocês são um espelho de dois lados  
cujo ponto focal se perdeu há muito.  
Eu sou esse instante  
entre a imagem virtual e a imagem invertida.  
Saltito entre os dois lados  
e celebro  
a insubstancialidade.  
Queria ser a vossa imagem  
queria-vos descansados.  
O problema foi também querer  
estilhaçar tudo o que é vidro,  
abrir com os cacos as minhas fendas  
ver brotar o rubro vivo.  
Queríamos que o sangue  
não fosse um grito de guerra  
e um útero vazio.  
Já não celebro  
a insubstancialidade.

## **Medo**

Tenho medo da morte a toda a hora,  
uma obsessão por falta da vida.  
Tenho a impressão de ser uma gravura  
em tons pastel desbotados.  
Não consigo gritar, porque não quero  
e a falta de violência em mim  
talvez seja sinal de apodrecimento.

Então digo *foda-se e merda*  
e vísceras e vermes.  
É moderno  
e vazio.  
Prurido rima comigo.  
Cautela rima com morte.  
Sou tal e qual *o Grito* de Munch,  
estático e silencioso.

### **Recomeço**

Do corpo vazio desdobram-se  
passos mecânicos,  
sem paz ao estar parados.  
A garganta trinca silêncios,  
E a noite arrasta-se  
pela existência adentro.

Não sabe que a alma germina palpitações secretas que ao universo pertencem:  
É na obscuridade que a poesia conspira.

É nesta treva que um só gesto,  
do desencanto inesperado,  
consegue revolver do mais visceral abismo  
uma tempestade que do tormento  
se transforma em dia.

Ao olhar o teu corpo a mim entregue,  
esquecido de si na minha respiração suspenso,  
tremo ao sentir a alma que julgava ausente.

Neste teu instante infinito onde agora habito  
há a paz do teu cabelo, dos teus ombros alongados em abraços.  
Na minha noite és um sismo,  
que abre um espaço em cada um dos meus centímetros cerrados.

Tu e ela são aliados e eu não sabia.  
No meu útero tu e a poesia conspiram  
Um grito que não é treva, não é tormento.  
Mas é vertigem, é abismo.

E o universo é a alma a cada instante a dar à luz um recomeço.